

François-Xavier Bustillo

A vocação do padre perante as crises

A fidelidade criativa



SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

Fátima 2022

APRESENTAÇÃO

D. François-Xavier Bustillo, O.F.M. Conv., Bispo de Ajaccio (França) oferece-nos uma reflexão muito oportuna sobre *A vocação do Padre perante as crises*. As meditações propostas aos padres num retiro espiritual revisitam o rito de ordenação dos Presbíteros e os elementos fundamentais da espiritualidade de São Francisco de Assis.

Agradecemos ao Secretariado Nacional de Liturgia que, em boa hora, traduziu esta obra acerca do Padre nesta mudança de época. O atual texto tornou-se mais conhecido, a partir da tradução italiana sob o título: *Testimoni, non funzionari. Il sacerdote dentro il cambiamento d'epoca*. O Papa Francisco presenteou este livro a cada Padre que participou na celebração da Missa Crismal em 2022 na Basílica de São Pedro.

São muitas as perguntas que D. Bustillo coloca: Para que é que vivemos? Para quem vivemos? Onde estamos andando? Onde queremos ir? Vivemos numa Igreja que não sonha? Temos um coração e um espírito velhos?

Na história da Igreja regista-se uma sublime fecundidade criativa. As palavras: novidade, imaginação, criatividade e audácia não são perigosas. A imaginação na missão é um grande desafio. Todavia, muitas vezes o urgente prevalece sobre o importante.

O tempo que nos toca viver: «*Esquece a elevação e a transcendência. Assim nascem o "burn out" (excesso de trabalho), o "bore out" (o tédio no trabalho) e hoje fala-se de "brown out" (quando o trabalho não tem sentido)*» (pág. 37).

Não podemos esquecer que: «*sem a dimensão espiritual, a nossa vida pode ser filantrópica, altruísta, humanista, mas não cristã*» (pág. 60). Por outras palavras: «*A natureza gratuita da adoração orienta-nos para o essencial. A comunhão com o Senhor purifica as nossas tendências para o sucesso,*

à ação, talvez à agitação, para permanecermos na presença pacífica de Jesus» (pág. 200).

Somos chamados a ser testemunhas, não funcionários. O Padre não é um homem que escolheu a tristeza como estilo de vida. *«Jesus deixou-nos a sua alegria para que nós a possamos espalhar no mundo. A nossa missão não se limita a uma ação. Já o dissemos, nós não somos os negociantes do sagrado. Se a nossa missão não é animada por uma alma evangélica, ela será um sucesso profissional como tantos outros. O mundo espera por testemunhas do Evangelho capazes de dizer aos outros: “a tua vida é uma alegria, obrigado por existires!” ou ainda: de incarnar o amor do Senhor, dizendo aos outros: “a tua existência é uma bênção!”»* (págs. 212-213).

Damos graças a Deus-Amor pelo ministério para o qual chamou os padres e queremos agradecer a cada um que se empenha, quotidianamente, na missão que lhe foi confiada, suportando o peso do dia (cf. Mt 20,12), sujeitos a uma imensidade de situações, as enfrentam com determinação para que o povo de Deus seja cuidado e acompanhado. Não raras vezes, de forma discreta e abnegada, por entre o cansaço ou a fadiga, a doença ou a desolação, assumem a missão como um serviço a Deus e ao seu povo e, mesmo com todas as contrariedades do caminho, escrevem as páginas mais belas da vida presbiteral (cf. *Carta do Papa Francisco aos Presbíteros, 2019*).

É verdade que o tempo hodierno é diferente, mas não mais difícil, porque o *aqui e agora* que vivemos continua a ser um tempo favorável a processos eclesiais inéditos, inauditas expressões de autenticidade e de fecundidade evangélica.

Nós os sacerdotes não somos funcionários. A gratuidade é um gesto desinteressado em favor dos outros. Presidir em nome de Cristo e em nome da Igreja significa servir.

Antes de tudo, o ministério presbiteral apresenta-se, não como uma função, uma tarefa, uma promoção social ou religiosa, mas como um serviço a tempo inteiro que se constitui mediante a ordenação

sacramental. Efetivamente, a sacramentalidade é, o rasgo mais específico do presbítero, hoje. Eis o grande mistério do qual, os presbíteros foram feitos ministros, porque se trata da participação no único sacerdócio de Jesus Cristo, no mistério de um amor sem limites, aquele da máxima sacerdotalidade na cruz, o mistério pascal.

Recentemente, o Papa Francisco recordou uma preciosa carta que São Francisco de Assis escreveu a toda a Ordem franciscana:

*«Que o homem todo se espante,
que o mundo todo trema, que o céu exulte,
quando sobre o altar, nas mãos do sacerdote,
está presente Cristo, o Filho de Deus vivo!
Oh! grandeza admirável, oh! condescendência assombrosa!
Oh! humildade sublime, oh! sublimidade humilde,
que o Senhor de todo o universo, Deus e Filho de Deus,
se humilde a ponto de se esconder, para nossa salvação,
nas aparências de um bocado de pão.
Vede, irmãos, a humildade de Deus
e derramai diante dele os vossos corações;
humilhai-vos também vós, para que ele vos exalte.
Em conclusão: nada de vós mesmos retenhais para vós,
a fim de que totalmente vos possua
Aquele que totalmente a vós se dá».*

Acolher o Mistério, abre a um Ministério. Só o Mistério revela o Mistério. O desafio é, pois, do Mistério ao ministério vivido, fonte que jorra para a vida, sempre renovada no dom recebido pela ordenação sacramental.

✠ José Manuel Garcia Cordeiro
Arcebispo Metropolitano de Braga
Presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade

PREFÁCIO

Vivemos na Igreja e na sociedade do século XXI: é neste contexto que a nossa vocação sacerdotal é chamada a ser fiel e fecunda. Pela força e pela criatividade do Espírito Santo, o Senhor salva-nos da tentação do medo e do tédio para sermos hoje testemunhas apaixonadas do Ressuscitado.

Estas poucas páginas são fruto de meditações propostas aos padres por ocasião dum retiro e de algumas formações. Como franciscano, ao dirigir-me aos padres, inspiro-me em três elementos fundadores da fé de São Francisco:

– **O amor dos padres**. No século XIII, numa Igreja em crise, Francisco de Assis guarda o maior respeito pelos padres. No seu Testamento diz:

O Senhor deu-me e continua a dar-me, por causa do seu caráter sacerdotal, uma tão grande fé nos padres que vivem segundo a regra da santa Igreja romana, que, ainda que eles me perseguissem, seria a eles que, apesar de tudo, eu queria recorrer. Se eu tivesse tanta sabedoria como Salomão, e se me acontecesse encontrar uns pobrezinhos padres vivendo no pecado, eu não queria pregar nas suas paróquias se eles me recusassem a autorização. Quero respeitá-los, a eles e a todos os outros, amá-los e honrá-los como meus senhores. Não quero considerar o seu pecado; porque é o Filho de Deus que eu vejo neles, e eles são realmente meus senhores (n.º 6-9).

– **O amor da Igreja**. São Francisco recebe da parte do crucificado esta palavra: «Vai reparar a minha Igreja, que, como vês, está a cair em ruínas». Esta palavra, tão citada nestes últimos tempos, é importante. Francisco não cria uma nova Igreja, mais pura e mais perfeita, não, ele quer repará-la. É uma obra graças à qual uma realidade danificada recupera a sua beleza primeira. No seu restauro é reformada, é-lhe restituída a forma das suas origens.

ÍNDICE

Apresentação	7
Prefácio	11

CAPÍTULO I **SENHOR, NÃO NOS DEIXEIS ENVERGONHADOS** (Dn 3, 42)

Um tempo presente acidentado.....	15
Um passado bíblico esclarecedor	20
Um futuro em fidelidade.....	26

CAPÍTULO II **FUNCIONÁRIOS?**

Não às vidas neuróticas	36
A pedagogia da pandemia	41
A bem-aventurança da gratuidade	46

CAPÍTULO III **NÓS TE ESCOLHEMOS COMO PADRE**

Trabalhar na sua humanidade.....	52
<i>O estado dos pés</i>	56
<i>O estado da cabeça</i>	58
Trabalhar a disponibilidade.....	60

CAPÍTULO IV
GOVERNAR

Guiar como um pastor.....	76
<i>Os maus pastores</i>	77
<i>O bom pastor</i>	79
<i>O discípulo pastor</i>	83
O reino do individualismo.....	86
<i>Uma autoridade desnorteadada</i>	87
<i>A autoridade na confiança</i>	90
O declínio da paternidade.....	93
<i>Pais facultativos?</i>	93
<i>Padres paternais</i>	96

CAPÍTULO V
ENSINAR

O analfabetismo religioso.....	105
A transmissão.....	109
<i>Anunciar o Evangelho</i>	110
<i>Expor a fé católica</i>	113

CAPÍTULO VI
SANTIFICAR

O lugar do sagrado.....	120
<i>Uma humanidade inquieta</i>	120
<i>Uma sociedade em busca</i>	122
<i>Uma Igreja enfraquecida</i>	123
<i>Jesus sacraliza a humanidade</i>	126

ÍNDICE

A urgência da interioridade	128
<i>Interior e exterior</i>	128
<i>Interioridade e sentido da vida</i>	130
<i>O êxodo para a vida interior</i>	131
<i>Vida interior e vida ordenada</i>	132
A santidade	135
<i>Configurar-se com Cristo</i>	136
<i>O gosto da vida</i>	139

CAPÍTULO VII O TATO DO PADRE

A imposição das mãos	144
A unção	148
<i>As mãos</i>	150
<i>A força</i>	153
<i>A alegria e a bondade</i>	156
A oferenda	159

CAPÍTULO VIII REPARAR A VIDA RELACIONAL

A inocência	165
<i>Uma atitude poderosa</i>	166
<i>Uma atitude profética</i>	167
<i>Uma opção de vida</i>	167
O pudor	169
<i>Pudor e intimidade</i>	169
<i>A via do pudor</i>	171
<i>A sabedoria de Aidôs</i>	171

O desprendimento	173
<i>Uma sociedade à procura de guias</i>	173
<i>O acompanhamento espiritual</i>	174
<i>Acompanhar na liberdade</i>	176

CAPÍTULO IX

PORTADORES DE VIDA

Fugir da mediocridade	181
<i>A vida humana é complexa</i>	182
<i>Jesus inicia a uma vida extraordinária</i>	184
<i>A audácia contra o fatalismo</i>	186
Despertar o desejo	190
<i>O desejo de viver</i>	191
<i>O homem é um ser de desejo</i>	193
<i>Padre para clarificar os desejos</i>	196
<i>Os desejos que nos satisfazem</i>	197
Cultivar os sonhos	203
<i>Sonhar para viver</i>	204
<i>Eu vos digo</i>	205
<i>Sonho e profecia</i>	207
Conclusão	211